

HOMENAGEM EM LAVRAS*

NILSON VITAL NAVES

Ministro Presidente do Superior Tribunal de Justiça

É indescritível a emoção que me inunda neste momento, quando os Poderes municipais, irmanados, associam-se à Ordem dos Advogados para prestar-me tocante homenagem - uma homenagem especial, bem diversa daquelas de que tenho sido alvo pelo Brasil afora, porquanto, antes de destinar-se ao Superior Tribunal de Justiça e ao seu presidente, é um preito a Nilson Naves, o filho destas plagas altaneiras, "terra dos ipês e das escolas".

Senhoras e Senhores, magno é o significado da distinção. Mediante os seus lídimos representantes, o "povo unido e gentil" da "terra boa e amiga" que me serviu de berço confere-me Diploma de Honra ao Mérito. Igualmente o é, laureado que estou sendo, com a Medalha "Carvalho Santos", pela nobre classe na qual iniciei, em Belo Horizonte, os passos da escalada que me conduziu à Presidência do Superior Tribunal. Como causídico adentrei o universo do Direito e, nas entrelinhas da milenar ciência, vislumbrei a justiça, primeva das funções estatais, única cuja essência consiste em tributar a cada um o seu direito. Acentua-se tal significado por me ter sido dado o privilégio de inaugurar a recém-instituída comenda, que tem como patrono um dos pioneiros e primeiro presidente da 17^a Seccional.

Esta hora, na qual recebo tamanha expressão de carinho, faz-me volver o olhar para tempos que guardo como verdadeiro tesouro. "Lavras, ó Terra querida! Força e beleza de Minas Gerais. Tuas escolas elevam teus filhos..." Foi aqui, amados conterrâneos, que se lançaram, uma a uma, no meu coração de criança - depois na alma do adolescente -, as sementes da fé na educação e da esperança em horizontes amplos a se

* Palavras proferidas ao receber a homenagem, Lavras – MG, 28/9/2002.

perderem na imensidão do céu; as sementes da dignidade e do senso de justiça, tão próprias da boa gente da minha Lavras; enfim, as sementes do sonho, que me faziam alçar vôos condoreiros em busca do amanhã. E, adubadas com a têmpera do mineiro, regadas com o idealismo do lavrense, elas germinaram, deitaram raízes, transformaram-se na árvore frondosa e frutífera da realização pessoal e profissional. Aqui se plasmaram os alicerces do meu futuro.

Permitam-me agora poetar e sonhar. Não somos filhos das Minas de Guimarães Rosa, Drummond de Andrade e Fernando Sabino? E quero usar as mesmas palavras com que o fiz ao assumir a direção do meu Tribunal, já familiares aos Senhores, pois impressas no convite para esta solenidade:

Significativo momento e momento de recordação, haveria, então, de recordar aqueles tempos de Lavras, as suas palmeiras e eternos ipês, as suas escolas, o Aparecida dos meus estudos, a rua Umbela, o bondinho que ia e vinha pela rua Direita, levando e trazendo consigo as nossas ilusões, sem elas já não se vivia naquela época, são as Minas, de presença suave, de que ninguém se esquece jamais, da liberdade ainda que tardia, oh! Minas Gerais, de mineiros, escreveram Drummond e Sabino, que esperam pela cor da fumaça e não dão passo maior que as pernas, e haveria de me lembrar da Turma de 1966 da centenária Casa de Afonso Pena, entremeada ao Ministério Público paulista, e não poderia deixar de me lembrar dos meus mestres e saudosos amigos Bilac Pinto e Leitão de Abreu, dos também saudosos bom irmão Jair, timoneiro tio Norberto e polemista amigo Corbiniano, e como não haveria de me lembrar do Nicodemos e da Júlia, tudo começou com eles, viveram pouco e tão atarefados, que nem tiveram tempo para sonhar, se o tivessem, saberiam, em sonhos, ele, boiadeiro, que boiadeiro era um rei, laço firme e braço forte, e ela, costureira, que era uma vez uma agulha e era uma vez uma linha, uma e outra iam andando orgulhosas em casa daquela rainha. Em sonhos, rei e rainha. Não foram lidos em Vandrê nem em Machado, nem poderiam ter sido. Viveram pouco, sim, todavia o bastante para contar um montão de outras histórias aos seus filhos.

Lavras, terra de heróis anônimos, de professores abnegados que se exauriram, e se exaurem, crendo ser a educação o caminho do

progresso, da liberdade, da cidadania e da paz social. Terra que dignifica não só Minas Gerais, mas também o Brasil. Terra do ipê branco, ao qual roga Alberto de Carvalho: "... conserva sempre tua florada de paz, de harmonia, no coração de Lavras!"

Nessa conjuntura, sinto-me duas vezes irmanado com os bravos lavrenses: como filho destas paragens e como multiplicador dos ideais aqui incutidos em mim há décadas e décadas. Sim, magistrado e, sobretudo, presidente do Superior Tribunal de Justiça, de igual modo estou engajado na luta pelo bem comum, pela cidadania plena, sem exclusão, sonho ainda acalentado pelo sofrido povo da nossa Pátria. Um sonho cuja concretização depende da união dos Poderes e da sociedade e, sobremaneira, de um Judiciário forte e autônomo, rápido e eficaz, atuante e prestante, esteio maior do Estado democrático de direito. Nesse rumo, tem-se posicionado a Corte que tenho a honra de dirigir, por isso mesmo, hoje reconhecida como o "Tribunal da Cidadania".

Sensibilizado, agradeço ao prefeito, Dr. Carlos Alberto Pereira, ao vice-prefeito, Dr. Eduardo Luis Marani, ao presidente da Câmara, Dr. Álvaro Eustáquio Pedrosa, à diretora do foro, Juíza Zilda Youssef Murad, e ao presidente da 17ª Subseccional, Dr. Adelson Gonçalves Pereira, em suma, externo os meus agradecimentos ao bondoso povo de Lavras pela múltipla homenagem com que ora todos me distinguem. Peço vênias para reparti-la com a querida e sempre alegre Adélia e com os meus filhos, Guilherme e Pedro Henrique, grandes amigos. Profundamente emocionado, agradeço as generosas palavras com as quais me brindaram o vereador Evandro Castanheira Lacerda, o desembargador Gudesteu Biber Sampaio, o Dr. Marcelo Leonardo e o Senhor prefeito.

Em face do eloqüente gesto de amor dos meus concidadãos, não poderia, ao concluir, utilizar outras palavras que não estas de Drummond: "Além, muito além do sistema solar, até onde alcançam o pensamento e o coração, vamos! vamos conjugar o verbo fundamental

essencial, o verbo transcendente, acima das gramáticas e do medo e da moeda e da política, o verbo sempreamar, o verbo pluriamar, razão de ser e de viver.” E acrescento: são momentos como este que nos fazem amearhar os tesouros do coração.